

## Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient.

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

**Volume 15, julho a dezembro de 2005.**

### **Gaston Bachelard e a sedução poética: a criação de um filosofar onírico Victor Hugo Guimarães Rodrigues\***

**Resumo:** *O autor busca caracterizar a trajetória de Gaston Bachelard no universo poético de seu tempo e as implicações desse procedimento filosófico na criação de um filosofar onírico.*

**Abstract:** *The author aims to characterize the trajectory of Gaston Bachelard on the poetic universe of his time and the implications of this philosophical proceeding in the creation of an 'onírico' thinking.*

**Palavras-Chave:** *maravilhamento, formação, devaneio, filosofia onírica, filósofo-sonhador.*

**Keywords:** *enchanted, building, dream awake, 'onirica' philosophy, philosophical-dreamer.*

No ano de 1938 é publicada *A Psicanálise do Fogo* (La Psychanalyse du Feu), como um texto de passagem entre o epistemológico e o poético, trabalhando a complementariedade dos eixos da poesia e da ciência, ao ponto de ressaltar o sonho como antecipador do processo do conhecimento.

---

\* Professor pesquisador do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento, do Mestrado de Educação Ambiental e do Curso de Pós-Graduação em Educação Física da Fundação Universidade Federal do Rio Grande/ RS. Coordenador do NUPEE – Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Estética. E-mail: [filosofoonirico@yahoo.com.br](mailto:filosofoonirico@yahoo.com.br)

Esse texto constitui-se de vários apontamentos que não foram incluídos em *A Formação do Espírito Científico*. Em *A Psicanálise do Fogo*, Bachelard reforça a necessidade da psicanálise como um método que busca sempre “**o inconsciente sob o consciente, os valores subjetivos sob a evidência objetiva, o devaneio sob a experiência**”(1994, PF, p.34). Seguindo a investigação psicanalítica dos livros, Bachelard revela o quanto as imagens do elemento fogo perduram na ciência e na poética, tendo aqui a origem de uma “*psicanálise dos elementos*” que, além do fogo, investigará nos livros dos poetas as imagens da água, da terra e do ar como origens arquetípicas materiais, reveladoras da imaginação poética, enquanto instância material, dinâmica e criadora.

Em *a Psicanálise do Fogo*, Bachelard define seu método de psicanálise. Afirma trabalhar numa camada psíquica “**menos profunda, mais intelectualizada, cumpre substituir o estudo dos sonhos pelo estudo do devaneio**”(1994, PF, p.22). Essa substituição do estudo dos sonhos pelo estudo do devaneio é significativa, pois ao distinguir entre sonho e devaneio, Bachelard não irá mais deter-se na dimensão biológica do sonho noturno, mas irá perceber a necessidade salutar do sonho desperto (devaneio). “**O sonho avança linearmente, esquecendo seu caminho à medida que avança. O devaneio opera como estrela. Retorna a seu centro para emitir novos raios**”(1994, PF, p.22). Bachelard pretende romper com a linearidade do caminho do sonho noturno, visando a um sonho desperto que tenha consciência de seu trajeto multidirecional e que seja fonte de concentração do sonhador e emanador de novos devaneios. No devaneio, o sujeito se

concentra, descobre seu próprio centro, na medida em que este vai se encontrando mais ou menos centrado numa imagem onírica.

Contra a psicanálise clássica, ao estudar os devaneios Bachelard, não visa a encontrar nas imagens oníricas o resultado de um recalque neurótico de um ser individual, mas a afirmar a dimensão positiva do recalque, pois **“o recalque está na origem do pensamento atento, reflexivo, abstrato.[...] O recalque bem conduzido é dinâmico e útil na medida que é alegre”**(1994, PF, p.146). Bachelard resgata a dimensão positiva do recalque, como um recalque sistemático dirigido pelo devaneante, concebido como uma atividade normal e alegre. É uma via de acesso a um puro gozo estético como consciência de bem-estar.

Feita essa distinção entre sonho e devaneio, presente nas obras subseqüentes, podemos observar que, quando Bachelard trata em suas obras posteriores, do sonho, está referindo-se ao devaneio, ou ao sonho na sua dimensão desperta. Inclusive, Bachelard observa o quanto os devaneios despertos podem interferir na elaboração de sonhos noturnos saudáveis. Bachelard tenta resgatar a importância fundamental de situar o homem no mundo a partir de sua dimensão imaginária concentrada nas potencialidades de seu devaneio acordado. Contra as objeções de um filósofo ao estatuto do sonho desperto dirigido, que queira garantias, Bachelard oferece um pensamento fornecido por um outro filósofo que é um marco da filosofia moderna, isto é, Immanuel Kant:

“E que garantia maior do valor ao mesmo tempo moral e psicológico do método completo do sonho acordado, do que esse pensamento de Kant: ‘Não há, no conhecimento de si mesmo, senão a descida aos infernos que possa conduzir à apoteose’.[...] (Kant, I. *Éléments méthaphysiques de la doctrine de la vertu*. trad. fr., Barni, 1885, p.107)” (1991, Tv, p.315).

Desde já devemos destacar que a aproximação com a psicanálise não faz Bachelard limitar-se à terminologia psicanalítica, inventando termos mais adequados para sua investigação da psicanálise das imagens, dos recalques e complexos culturais<sup>1</sup>. Porém, ao tratar de complexos e arquétipos, Bachelard está mais próximo de Jung do que de Freud. Posteriormente essa psicanálise dos elementos é substituída por uma poética das imagens elementares arquetípicas.

Em 1940, publica *Lautréamont*. Nessa obra, nosso filósofo especifica sua noção de complexo, contido na ligação entre a imagem literária e o escritor, como instrumental para compreender a obra de um poeta. Visando a reunir signos da agressão (as metamorfoses dinâmicas, o bestiário e a poética da agressão) e descobrir a força da linguagem de *Lautréamont*,

---

<sup>1</sup> Essa postura terminológica refere-se aos outros métodos utilizados por Bachelard na busca que o leva a elaborar um conceito de razão, de imagem e de imaginação. Tal procedimento revela uma grande dificuldade do leitor ao tentar percorrer o vocabulário bachelardiano, permeado por neologismos e expressões adaptadas para dar conta das inquietações metodológicas do filósofo Bachelard, com vistas a uma melhor compreensão de sua elaboração filosófica. Para um maior aprofundamento dessa discussão, é recomendável a leitura de: (Barbosa, 1985).

Bachelard ingressa na crítica literária<sup>2</sup> e aproxima-se do surrealismo, que também trabalha com as possibilidades imaginantes contidas no inconsciente, como base para uma análise crítica da consciência. Dentro do espírito surrealista de sua análise literária, Bachelard resgata o mérito de *Lautréamont* por ter liberado a poesia da descrição, livrando a imaginação das amarras do real e devolvendo ao leitor a liberdade de criar um mundo fantástico.

No mesmo ano de 1940, também sob influência do surrealismo, Bachelard publica *Filosofia do Não* (*Philosophie du non*), tendo como crítica os limites do empirismo e do racionalismo como presos a uma mesma concepção de razão, estabelecendo a necessidade de uma “*filosofia aberta*”, que trabalha sobre o desconhecido, buscando, no real, aquilo que vem a contradizer os conhecimentos anteriores, em que uma experiência nova diz não à experiência anterior. A seu modo, Bachelard retoma a crítica da razão inaugurada por Kant na *Crítica da Razão Pura* (Kant, 1983, p.1-415), fazendo também uma análise crítica dos limites do empirismo e do racionalismo, bem como das possibilidades da razão humana. A partir dessa crítica, Bachelard vai elaborando uma outra concepção de razão, enquanto vai aproximando-se das teorias radicais dos poetas surrealistas. Bachelard, visa a dar conta das relações entre sua concepção de razão, aliada aos princípios surrealistas, reelaborando a noção “*surrationalisme*”<sup>3</sup>, que liga razão e imaginação, sonho e

---

<sup>2</sup> Para um aprofundamento das relações entre Bachelard e a crítica literária é recomendável a leitura de (Therrien, 1970).

<sup>3</sup> Tal noção foi explicitada inicialmente no artigo *Le surrationalisme*, *Inquisitions*, nº 1, 1936 (reproduzido In: *L'Engagement rationaliste*, P.U.F., 1972). Segundo a recomendação de José Américo Motta Pessanha, surracionalismo é a melhor tradução terminológica para o termo “**surrationalisme**”, salientando que esse não é só entendimento, mas pensar através da e com a imaginação, resultando das

aventura, pensamento e instrução, na medida em que pensa se aventurando e se aventura pensando, em que dinamiza o pensamento, direcionando-o, para que encontre uma intuição súbita, além do conhecimento instruído. Bachelard retoma e amplia as reflexões contidas num artigo publicado quatro anos antes, intitulado *Le Surrationalisme* incorporando as inquietações provocadas pelos surrealistas<sup>4</sup>, na problematização que esses fazem da razão, enquanto instância soberana e autônoma, bem como, na tentativa dos surrealistas em romper com as determinações sociais e culturais que circunscrevem a compreensão dinâmica da vida. Bachelard amplia a noção de racional, pela noção de surracional, tendo como referência o surrealismo na obra de André Breton. Segundo esse,

**"O surrealismo, se entra especialmente em seus propósitos fazer o processo das noções de realidade e irrealidade, razão e desrazão, de reflexão e impulsão, de saber e de ignorância 'fatal', de utilidade e de inutilidade, etc."** (Breton, 1985, p.114).

---

aproximações de Bachelard com o movimento surrealista, com observa: **"O racionalismo bachelardiano, que se quer militante e setorizado, irreverente e turbulento, pretende constituir-se - a exemplo do surrealismo na arte - como um surracionalismo e procura efetivar-se, dia e noite, paralelamente, na ordem dos conceitos e na ordem das imagens. Eis porque, de modo peculiaríssimo, o cotidiano - presente ou passado - irrompe no terreno filosófico e fornece matéria à reflexão: o cotidiano com suas lembranças, seus devaneios, seu sonhar acordado. Nesses momentos, é importante assinalar, a reflexão filosófica não cede lugar ao memorialismo literário: permanece reflexão filosófica, a visitar seus porões e alicerces"**. (Pessanha, 1988, p.156).

<sup>4</sup> Segundo Luis Buñuel **"o verdadeiro objetivo do surrealismo não era o de criar um novo movimento literário, ou pictórico, ou até mesmo filosófico, mas sim fazer explodir a sociedade, mudar a vida."** (Buñuel, 1982. p.147).

Nesse sentido, a imaginação não é uma faculdade derivada ou subordinada pela razão, pois, em seu contato com a razão, a imaginação mostra a força inventiva, criadora e aberta daquela. O surracionalismo de Gaston Bachelard mostra o quanto

**“é necessário devolver à razão humana sua função de turbulência e de agressividade. Contribuir-se-á, assim, para fundar um surracionalismo que multiplicará as ocasiões de pensar”** (1972, ER, p.7).

Provocada pela imaginação, a razão constituída torna-se **“razão experimental, suscetível de organizar surracionalmente o real”** (1972, ER, p.8), razão aberta, instauradora, inventiva, criadora, agressiva, colérica, provocadora e polêmica, visando a acompanhar as mudanças dos conhecimentos científicos, até o momento que **“a razão será completamente fluida e o mundo físico será experimentado por novos caminhos”** (1972, ER, p.7). Tristan Tzara organiza surrealisticamente a liberdade poética, ao aproximar a experiência e o onirismo, no sonho experimental. Ao **“surrealizar a liberdade racional”**(1972, ER, p.9) o surracionalismo proposto por Bachelard opera a confluência entre a razão e a imaginação, porque a imaginação já é o caminho racional percorrendo uma viagem espiritual de reformulação e desancoramento, pois **“a razão humana acaba de ser desancorada, a viagem espiritual começou”**(1972, ER, p.12), percorrendo uma trajetória de formação de uma nova ciência e de um novo pensamento científico. A imaginação e a razão são vias de acesso ao mundo racionalizado e imaginado,

constituindo o pensamento científico e poético em sua tensionalidade dinâmica. Essa aproximação ressalta que, se tal cisão entre razão e imaginação é clara pela via racional, pela via onírica, a imaginação e a razão se tocam e se articulam mutuamente, não sendo redutíveis, nem sobrepostas, mas complementares em suas diferenças, recuperando, juntas, a fluidez.

Em *Filosofia do Não*, Bachelard continua a compreender as grandes teorias como grandes devaneios, que testemunham a descoberta e a invenção do mundo. Pode aqui revelar o papel do devaneio como princípio dinâmico das tentativas, ensaios, erros, descobertas e invenções, no interior da experiência científica. Para analisar mais detidamente essa dimensão onírica da ciência, questiona profundamente o homem de ciência:

"perguntaremos pois aos cientistas: como pensais, quais são vossas tentativas, vossos ensaios, vossos erros? Quais são as motivações que vos levam a mudar de opinião? Por que razão vocês se exprimem tão sucintamente quando falam das condições psicológicas de uma nova investigação? Transmitem-nos sobretudo as vossas idéias vagas, as vossas contradições, as vossas idéias fixas, as vossas convicções não confirmadas. Dizem que sois realistas. Será certo que esta filosofia maciça, sem articulações, sem dualidade, sem hierarquia, corresponde à variedade do vosso pensamento, à liberdade de vossas hipóteses? Dizei-nos o que pensais, não ao sair do laboratório, mas sim na hora que

deixais a vida comum para entrar na vida científica. Dai-nos não o vosso empirismo da tarde, mas o vosso rigoroso racionalismo da manhã, o a priori do vosso sonho matemático, o entusiasmo dos vossos projetos, as vossas intuições inconfessadas. Se pudéssemos assim alargar a nossa pesquisa psicológica, parece-nos quase evidente que o espírito científico surgiria também numa verdadeira dispersão psicológica e conseqüentemente numa verdadeira dispersão filosófica, dado que toda a raiz filosófica nasce de um pensamento" (1974, PhN, p.166).

São esses questionamentos sugeridos ao cientista pelo professor-filósofo, que revelam o sonho como antecipador da linguagem e do método do homem de ciência, bem como do entusiasmo inventivo e das intuições científicas, mostrando o quanto o devaneio prepara o racionalismo rigoroso da manhã do cientista. Ao fazer a crítica do realismo ingênuo que nega o devaneio, Bachelard ressalta o papel do sonho na matemática e no entusiasmo dos projetos científicos. Tais intuições são inconfessadas pelos cientistas, que desconsideram a relevância do sonho na formação científica. Num tom questionador, Bachelard opera uma tomada de consciência que revela ser esta a realidade do cientista, mostrada em sua dimensão de sonho e virtualidade, aliada à razão e à atualidade.

Não resistindo à sedução das imagens e metáforas, inicialmente rejeitadas como obstáculos epistemológicos, nosso professor-

filósofo aproxima-se ainda mais dos poetas, buscando nesses, as imagens elementares, os arquétipos que constituem as obras dos grandes poetas. É marcante para a Filosofia essa mudança de perspectiva na formação de Bachelard como filósofo-sonhador, que agora incursionará pelo universo onírico, permeado por sonhos e devaneios, onde os títulos das obras falam por si mesmos, como momentos de transição de uma psicanálise dos elementos para uma ontologia das imagens poéticas, através de experiências imaginárias com os quatro elementos<sup>5</sup> sonhados. *A Água e os Sonhos* (L'Eau et les Rêves), em 1942; *O Ar e os Sonhos* (L'Air et les Songes), em 1943; *A Terra e os Devaneios da Vontade* (La Terre et les Rêveries de la volonté) e *A Terra e os Devaneios do Repouso* (La Terre et les Rêveries du repos), ambas de 1948, fornecem o referencial para elaboração de experiências imaginárias concretas e para a construção de uma ontologia da imaginação, feita por Bachelard.

Marcado profunda e decisivamente pelo onirismo das imagens dos poetas e pela força sedutora de suas imagens materiais e dinâmicas, nosso filósofo continua e amplia sua investigação iniciada pela via epistemológica, agora sendo permeada pelas ligações entre poesia e ciência, razão e devaneio, consciência e onirismo, elaborando o conceito de experiência (científica e poética), no que as une, enquanto dois contrários bem feitos e complementares.

---

<sup>5</sup> Para uma abordagem detalhada sobre a relação entre Gaston Bachelard e os quatro elementos é recomendável a leitura de: (Mansuy, 1967); como também de: (Felicio, 1994).

*O Racionalismo Aplicado* (Le Racionalisme Appliqué), 1949; *A Atividade Racionalista da Física Contemporânea* (L'Activité Rationaliste de la Physique Contemporaine), 1951; *O Materialismo Racional* (Le Materialisme Rationel), 1953; propõem uma (nova) concepção de razão. Essa concepção tem como características: a) a atividade da razão é consciência de retificação(1977, RA); b) a razão tem função de invenção, relacionada com a imaginação, como potência virtual em atualização, submetida a uma rigorosa aprendizagem, operando a educação do pensamento materialista e da filosofia racionalista **“que se educa em contato com o pensamento científico, isto é, de um pensamento que agora teremos de designar como um pensamento de alta socialização”**(1990, MR, p.65); c) a razão é uma consciência presente no domínio técnico e teórico das operações científicas(1951, ARPC); e) a razão é consciência que julga seu saber, a partir de uma ampliação e reforma da racionalidade(1951, ARPC); f) **“a consciência da racionalidade educa-se na própria mudança dos sistemas de racionalidade”**(1990, MR, p.35); g) as relações entre razão e experiência, formam as noções de racionalismo aplicado e materialismo ordenado(1990, MR); h) a razão compõe com a imaginação as duas margens do pensamento (1990, MR).

Ao buscar uma concepção de razão, Bachelard, em *O Materialismo Racional*, estabelece a necessidade de uma antropologia completa em sua concreticidade, para dar conta das relações entre consciência imaginante e consciência racionalizante, que descreva o homem das vinte e quatro horas, em seus aspectos diurno (racional) e noturno (onírico). Num artigo publicado em 1957, intitulado *Le Nouvel esprit scientifique et la création*

*des valeurs rationnelles*, Bachelard amplia este projeto antropológico, mostrando que a ciência contemporânea cria uma nova natureza, assim como o espírito científico **“muda a natureza humana”** (1972, ER, p.92), sendo uma segunda natureza do espírito humano em seu processo formador.

*A Poética do Espaço* (La Poétique de L'Espace), 1957, e *A Poética do Devaneio* (La Poétique de la Rêverie), 1960, apresentam, de forma sistemática, suas elaborações imaginárias, onde a imaginação e razão devem ser trabalhadas alternadamente (1988, PR), na constituição de uma consciência sonhadora, principalmente na ruptura com a psicanálise, através de uma fenomenologia<sup>6</sup> das imagens, que ressaltam as relações entre

---

<sup>6</sup> O termo fenomenologia para Bachelard tem um sentido próprio, porque esse não se insere diretamente na tradição fenomenológica dos herdeiros de Husserl, nem utiliza o vocabulário fenomenológico. Da fenomenologia, Bachelard mantém a idéia de estudar as imagens poéticas por si mesmas no momento que emergem na consciência, porém resiste a qualquer intelectualização das imagens, oriunda da análise fenomenológica. O sentido bem pessoal tomado por Bachelard em sua aproximação com métodos filosóficos, como nesse caso, inclusive por não trabalhar diretamente com o vocabulário fenomenológico, tende a confundir o leitor desavisado, até que se habitue com o procedimento e tenha claro o corpo metodológico que articula tais métodos, ora sucessivos e ora simultâneos. Sobre os diversos métodos sucessivos e simultâneos utilizados por Bachelard, consultar (Therrien, 1970). Sobre a relação conflituosa de Gaston Bachelard com os métodos filosóficos, é importante notar as observações de José Américo Motta Pessanha: **“O próprio Bachelard, numa demonstração de permanente jovialidade espiritual, não se deixara jamais prender às ortodoxias das escolas filosóficas. Talvez por isso mesmo suas idéias repercutem nos mais diversos campos de investigação, demolindo velhas concepções cristalizadas e propondo novas e às vezes surpreendentes soluções para os problemas. Apoiado numa interpretação do desenvolvimento histórico das doutrinas científicas, Bachelard formulou seu tema de inconformismo intelectual através do que denominou de ‘filosofia do não’. Para ele, a história das idéias não se faz por evolução ou continuísmo, mas através de rupturas, revoluções, “cortes epistemológicos”. Num de seus livros escreveu: ‘A verdade é filha da discussão, não da simpatia’. Aplicando ele próprio esse preceito, revestiu toda sua obra de caráter polêmico, fazendo reiteradas críticas à nociva influência da metafísica tradicional (particularmente a cartesiana) sobre o desenvolvimento da epistemologia. Também não poupou críticas severas a alguns dos principais pensadores que marcaram o século XX, como Freud, Bergson, Sartre. Por outro lado, contrário aos esterilizantes sistemas fechados, fez uso bastante pessoal de várias noções, como ‘psicanálise’, ‘fenomenologia’, ‘dialética’, ‘materialismo’, ao**

sonhador e mundo, situadas na esfera dos espaços e tempos íntimos, norteando uma experiência onírica imaginária. Em *A Poética do Espaço*, Bachelard tem claro que **“a poesia ultrapassa inteiramente os limites da psicanálise”** (1988, PE, p.164), que é um método racional fixado na região passional, cujas preocupações limitam-se **“apenas com a negatividade da sublimação”** (1988, PE, p.219), na medida em que os psicanalistas **“tomam a imagem como ‘sintomática’, tenderão a encontrar na imagem razões e causas”**(1988, PE, p.257). Bachelard entende que, para se estudar a imaginação poética, é preciso um gesto de ruptura com a razão (1988, PE), que liberte as imagens do nexos causal que as reduz a sintomas de traumas e recalcamientos. Para Bachelard, sob herança das reflexões de Jung, no estudo das imagens poéticas cósmicas **“é preciso então uma psicanálise cósmica, uma psicanálise que abandonasse por um instante as preocupações humanas para se inquietar com as contradições do Cosmos”** (1988, PE, p.184), permitindo ao homem reencontrar-se com sua dimensão universal.

Em *A Poética do Espaço e A Poética do Devaneio*, Bachelard refaz sua reflexão sobre os impasses diante das tentativas de aproximação com as imagens poéticas, consciente da dificuldade de abandonar hábitos intelectuais oriundos de sua formação epistemológica:

**“fiel aos nossos hábitos de filósofo das ciências, tínhamos tentado considerar as imagens fora de qualquer tentativa de**

---

**mesmo tempo que defendeu uma nova concepção de racionalismo: o racionalismo setorial e aberto”** (Pessanha, 1988, p.VII-VIII).

interpretação pessoal.[...] Pouco a pouco, esse método, que tem a seu favor a marca da prudência científica, pareceu-nos insuficiente para fundar uma metafísica da imaginação" (1988, PE, p.96).

Bachelard, em *A Poética do Devaneio*, medita sobre seus quarenta anos de vida filosófica, enquanto se pensa como filósofo-sonhador impelido à polêmica, não limitado aos seus próprios sonhos, buscando co-devanear com seus leitores, propondo-lhes experiências pedagógicas oníricas, como sendo um elo na cadeia de onirismo que liga os sonhadores mais diversos sob o norte da imaginação.

*A Chama de uma Vela* (La Flamme d'une Chandelle), de 1961, traz a marca do filósofo-sonhador que medita solitariamente sobre sua vida humana, sobre o destino, sobre a linguagem poética, diante da chama verticalizante. É uma explicitação do momento solitário do filósofo diante do Cosmos e de si mesmo, no momento em que esse se transforma em filósofo-sonhador, através e com as imagens oníricas.

Após sua morte, ocorrida em 1962, diversos artigos e ensaios foram reunidos em coletâneas, cujos títulos foram dados pelos editores e publicados como *Estudos* (Études), 1970; *O Direito de Sonhar* (Le Droit de Rêver), 1970; *O Engajamento Racionalista* (L'Engagement Rationaliste), 1972.

Em 1971, é publicada *A Epistemologia* (L'épistémologie), organizada por Dominique Lecourt, constando de uma escolha de textos pertencentes às obras epistemológicas de Bachelard.

Seu último livro póstumo intitula-se *Fragments de uma Poética do Fogo* (Fragments d'une Poétique du Feu), publicado em 1988. Nele encontra-se um olhar retrospectivo sobre sua vida, enquanto fazedor de livros, fazendo a passagem entre a epistemologia e a poética. Retorna ao elemento fogo para tratar do fenômeno da linguagem poética.

A necessidade pedagógica leva Bachelard a refletir intensamente sobre a filosofia. Ao caracterizar a “*filosofia dos filósofos*”, toma os filósofos como adversários e interlocutores (1996, FES), elaborando uma forma de filosofar dentro de um processo de ruptura com a história e com os hábitos do pensamento. O professor Bachelard vai fazendo uma trajetória até uma concepção de filosofia caracterizada pelo espanto imaginário, compreendendo a filosofia em seu processo de mudança, que permite questionar sobre outras possibilidades de filosofar.

Nosso filósofo concebe a necessidade de uma nova filosofia, a partir de alguns registros que enumeraremos a seguir: a) uma “*filosofia do entre*”, que questiona os extremos das concepções filosóficas e ressalta as limitações internas das mesmas. Nesse caso, pontua-se entre realistas e nominalistas, positivistas e formalistas, fatos e signos (Bachelard, 1996), razão e experiência, imagens e conceitos, “**numa posição intermediária entre historiadores e poetas**”(1996, FES, p.239). Uma filosofia de dois pólos e dois

pontos de vista filosóficos diferentes e complementares, que se esclarecem ao dialetizar provas e experiências, regras e leis, teoria e prática, matemática e experiência, empirismo e racionalismo, evidências e fatos (1974, PhN, p.162-163); b) uma “*filosofia do detalhe*”, pois nós “**só sabemos trabalhar com uma filosofia do detalhe**” (1988, PE, p.254) a partir da qual elaboram-se leis, toma-se a exceção como regra, a fim de apreender atentamente as mais finas contradições da experiência (1951, ARPC); c) uma “*filosofia diferencial*”, que poderia compreender o nascimento e o devir de um pensamento, tendo como correspondência a passagem de uma forma realista para uma forma racionalista, situando-se num campo epistemológico intermediário e ativo (1974, PhN); d) uma “*filosofia do contra*” que, como filosofia das ciências se propõe lutar contra os obstáculos epistemológicos que impedem a formação do novo espírito científico e, como a filosofia poética, é contra os obstáculos anti-oníricos que impedem a formação do novo espírito poético; e) uma “*filosofia do não*”, construindo-se a partir de uma dialetização do pensamento, das noções fundamentais, dos resultados adquiridos, tendo como referência a ação polêmica da razão (1974, PhN), direcionando-se para um auto-questionamento e auto-crítica. f) uma “*filosofia aberta*”, questionando seus princípios, fundada sobre o desconhecido, buscando na realidade um modo de colocar em contradição o conhecimento acumulado que, a cada experiência nova, negue a experiência anterior, não tendo a pretensão de ser definitiva, com “**a consciência de um espírito que se funda trabalhando sobre o desconhecido [...] a experiência nova diz não à experiência antiga [...] mas**

**esse não é nunca definitivo para um espírito que sabe dialetizar seus princípios”(1974, PhN, p.165);**

Bachelard considera em *Concept de frontiere* de 1934, que a filosofia deve ser uma pedagogia. Posteriormente inaugura uma dupla pedagogia: a do filósofo da ciência (epistemólogo-cientista) e a do filósofo-sonhador (filósofo-poeta), induzindo a essa experiência pedagógica co-devaneante. Pierre Quillet observa em *Introdução ao pensamento de Bachelard* um vínculo inseparável entre as idéias pedagógicas de Bachelard e sua experiência pessoal como pedagogo e aprendiz:

“É tão absurdo separar as idéias pedagógicas de Bachelard de sua experiência pessoal da cultura quanto pretender que elas se explicam pura e simplesmente por isto. Escolar tardio, adolescente sem idade, leitor noturno, ele consagra sua existência à sua própria *paideia*, como faz a própria ciência, pedagogia indefinida da razão” (Quillet, 1977, P.15).

Colocamos aqui questões que surgiram do espanto e da admiração provocados pela leitura da obra de Bachelard: O que faz um professor-filósofo aproximar-se dos poetas, além de ter como objetivo construir uma estética? O que conduz um professor-epistemólogo para a poesia? Como um pedagogo e filósofo da ciência transforma-se em filósofo-sonhador? Como pensar a formação do filósofo-sonhador dentro de uma perspectiva bachelardiana? Como a experiência pessoal de Bachelard pode orientar na

compreensão desta metamorfose ontológica do filósofo em direção ao sonho? As experiências imaginárias de Bachelard são acessíveis a outro sonhador, como uma possibilidade de co-devaneio, através de experiências pedagógicas que levam à formação imaginária de um filósofo? Como repetir as experiências imaginárias feitas por Gaston Bachelard? Como encontrar na perspectiva sonhadora de Bachelard uma possibilidade concreta de encantamento imaginário do mundo? Como transformar o espanto imaginário num instante de felicidade e de saúde do filósofo-sonhador?

Bachelard aproxima-se dos poetas por perceber os limites da ciência e da razão para dar uma explicação ainda mais completa sobre a realidade, bem como para falar do desconhecido e inefável. Sabe que estabelecer um limite é já ultrapassá-lo. Por isso, através dos poetas, compreende melhor as possibilidades experimentais, surracionalizando a razão filosófica e científica, de modo a dar conta das afinidades entre experiência científica e experiência poética/estética do homem com seu mundo, numa espécie de resgate da saúde do filósofo, através experiências com a imaginação, pois **“as fontes de nossa energia e de nossa saúde estão em nossas próprias imagens dinâmicas”**(1991, Tv, p.67). Nesse sentido, a filosofia do espanto imaginário proposta por Bachelard é uma homeopatia<sup>7</sup>,

---

<sup>7</sup> Seguindo a necessidade dessa terapêutica homeopática, através das imagens, Bachelard aproxima-se dos métodos de **“sonho desperto dirigido”** de Robert Desoille. Em *O Ar e os Sonhos*, Bachelard dedica um capítulo intitulado “Os Trabalhos de Robert Desoille” para estudar uma metodologia do **“devaneio dirigido”** pelas imagens simbólicas. Em *A Terra e os Devaneios da Vontade*, Bachelard tece o seguinte comentário sobre o trabalho de Robert Desoille. **“O método de Desoille - a psicanálise mais discreta de todas - contenta-se em mostrar ao doente simples imagens consideradas salutareis por uma longa prática. Tal método, opondo imagens a imagens, permanece em meio simbólico; respeita o anonimato dos**

uma terapêutica<sup>8</sup> do homem contemporâneo perdido de si mesmo e de seu mundo. Uma terapia através das imagens oníricas passa por um redimensionamento do papel do sonho em nossa vida.

**“Na verdade, o sono, que é considerado uma interrupção de consciência, liga-nos a nós mesmos. O sonho normal, o sonho verdadeiro, é assim freqüentemente o prelúdio, e não a seqüela, de nossa vida ativa” (1991, Tv, p.79) .**

O sonho desperto liga o homem a si mesmo e o prepara para experiências imaginárias salutareas e autônomas com relação à realidade cotidiana. O sonho desperto prepara o filósofo-sonhador para predispor-se aos instantes de espanto imaginário, que contrariam a lógica anti-onírica da vida cotidiana. O sonho desperto prepara o homem para um viver saudável consigo mesmo e com seu mundo, tornando concretas as experiências de liberdade, felicidade e bem estar, como referenciais dinâmicos da meditação do nosso professor-filósofo. **“Que seria dos grandes sonhos da noite se não fossem sustentados, nutridos, poetizados pelos lindos devaneios dos dias felizes?”** (1988, PR, p. 202).

---

**símbolos, o que nem sempre é feito pela psicanálise que corre para o significado claro do símbolo, apressando-se, assim, em desmascarar as formas simbólicas. O método de Robert Desoille nos parece beneficiar-se de uma verdadeira homogeneidade simbólica; trata-se realmente de homeopatia mental”. (1991, Tv, p.310).**

<sup>8</sup> De modo análogo ao de Bachelard, Friedrich Nietzsche, em *A Gaia Ciência* assinala a necessidade da dimensão terapêutica da filosofia e da arte, no processo de cura do homem que tende à superação de si. **“Toda a arte, toda filosofia, pode ser considerada como meio de cura e de auxílio a serviço da vida que cresce, que combate”**(FW/GC 370). (Nietzsche, 1983. p.220).

Este trabalho de pesquisa visa a contribuir para uma possível leitura de Gaston Bachelard em sua vertente onírica. Toma como objeto de investigação o Bachelard noturno, enquanto esse permite pensar as diversas experiências imaginárias existenciais do filósofo-sonhador. Nessa vertente onírica, em *Bachelard: as asas da imaginação*, José Américo Motta Pessanha explicita a existência de um duplo projeto de Gaston Bachelard, direcionado a

**"pensar com rigorosa atualidade o universo sempre em retificação da ciência; seguir - fascinado - à procura dos instantes poéticos, aqueles instantes nos quais a dramaticidade inerente a um tempo irremissivelmente esfacelado é substituída pela felicidade e pela libertação do trabalho criador"** (Pessanha, 1985, p.xxx).

Poderíamos, por fim, perguntar: Para que uma filosofia do espanto imaginário? Porque não basta sonhar, é preciso aprender a sonhar, e aprender a querer sonhar. É por esse motivo que Gaston Bachelard nos ensina que: **"Sabe querer quem sabe imaginar. À imaginação que ilumina a vontade se une uma vontade de imaginar, de viver o que se imagina"**(1990, Air, p.112).

Bachelard mostra-nos uma possibilidade de espanto imaginário para despertar nossa atenção diante de nós mesmos, dos outros homens e do mundo em que vivemos. É uma experiência de descoberta que nos forma como filósofos sonhadores, num processo de iniciação ao filosofar onírico.

Abreviaturas das obras de Gaston Bachelard:

Air- O Ar e os sonhos.

ARPC – L'Activité rationaliste de la physique contemporaine.

DD - Dialética da Duração.

DR – O Direito de Sonhar.

Eau – A Água e os sonhos.

ECA – Essai sur la connaissance approchée.

ER - L'Engagement rationaliste.

FES – A Formação do espírito científico

IA – Les Intuitions atomistiques.

MR – O Materialismo racional.

NES – O Novo espírito científico.

PF – A Psicanálise do Fogo.

PhN – Filosofia do não.

PR – Poética do Devaneio.

RA – O Racionalismo aplicado.

Tv – A Terra e os devaneios da vontade.

VIR – La Valeur inductive de la relativité.

Bibliografia:

BACHELARD, G. *O Novo espírito científico*. (trad. Remberto Francisco Kuhnen) In: *Col. Os Pensadores*. 3.ed. São Paulo, Abril Cultural, 1988. p.1-91.

\_\_\_\_\_. *Le Problème philosophique des méthodes scientifiques*. (Discours au Congrès International de Philosophie des Sciences) In: *L'Engagement rationaliste*. Paris, PUF, 1972, p.35-44.

\_\_\_\_\_. *Le Surrationalisme*. (Inquisitions, n. 1, 1936) In: *L'Engagement Racionaliste*, PUF, 1972.

\_\_\_\_\_. *Le Nouvel esprit scientifique et la création des valeurs rationnelles*. In: *L'Engagement rationaliste*. Paris, PUF, 1972. p.120-136.

\_\_\_\_\_. *A Dialética da duração*. (trad. Marcelo Coelho) São Paulo, Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. *A Formação do espírito científico*. (trad. Estela dos Santos Abreu) Rio de Janeiro, Contraponto, 1996.

- \_\_\_\_. *A Psicanálise do fogo.* (trad. Paulo Neves) São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- Lautréamont.* (trad. Maria Isabel Braga) Lisboa, Litoral, 1989.
- \_\_\_\_. *A Filosofia do não: ensaio de uma filosofia do novo espírito científico.* (trad. Joaquim José Moura Ramos) In: *Col. Os Pensadores.* São Paulo, Abril, 1974. p.159-245.
- \_\_\_\_. *A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria.* (trad. Antônio de Pádua Danesi) São Paulo, Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_. *O Ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento.* (trad. Antônio de Pádua Danesi) São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_. *A Terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças.* (trad. Paulo Neves da Silva) São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_. *A Terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade.* (trad. Paulo Neves da Silva) São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_. *O Racionalismo aplicado.* (trad. Nathanael C. Caixeiro) Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- \_\_\_\_. *L'Activité rationaliste de la physique contemporaine.* Paris, PUF, 1951.
- \_\_\_\_. *O Materialismo racional.* (trad. João Gama) Lisboa, Edições 70, 1990.
- \_\_\_\_. *A Poética do espaço.* (trad. Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal) In: *Col. Os Pensadores.* 3.ed. São Paulo, Abril, 1988. p.93-266.
- \_\_\_\_. *A Poética do devaneio.* (trad. Antonio de Padua Danesi) São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- \_\_\_\_. *A Chama de uma vela.* (trad. Glória de Carvalho Lins) Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1989.
- \_\_\_\_. *O Direito de sonhar.* (trad. José Américo Motta Pessanha, Jacqueline Raas, Maria Isabel Raposo, Maria Lúcia de Carvalho Monteiro) São Paulo, Difel, 1985.

- \_\_\_\_\_. *Concept de frontière*. VIII Congrès International de Philosophie, 1934. In: *A Epistemologia*. (trad. Fátima Lourenço Gotinho e Mário Carmino Oliveira) Lisboa, Edições 70, s.d.
- \_\_\_\_\_. *Fragmentos de uma poética do fogo*. (trad. Norma Telles) São Paulo, Brasiliense, 1990.
- BARBOSA, E. *O Secreto do mundo: uma leitura de Gaston Bachelard*. São Paulo, USP, 1985. (Tese de Doutorado).
- BRÉTON, A. *Manifestos do surrealismo*. (trad. Luiz Forbes) São Paulo, Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Antologia (1913-1966)* México, Siglo XXI, 1982.
- BUÑUEL, L. *Meu último suspiro*. (trad. Rita Braga) 3.ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. (trad. Valeiro Rohden e Udo Baldur Moosburger) In: *Col. Os Pensadores*. 2.ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983. p.1-415.
- MANSUY, M. *Gaston Bachelard et les éléments*. Paris, Corti, 1967.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. (trad. Rubens Rodrigues Torres Filho) In: *Col. Os Pensadores*. 3.ed. São Paulo, Abril Cultural, 1983. p.187-223.
- PESSANHA, J. A. M. *Bachelard: as asas da imaginação*. In: *O Direito de sonhar*. São Paulo, DIFEL, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Bachelard e Monet: o olho e a mão*. In: NOVAES, Adauto (org.) *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- QUILLET, P. *Introdução ao pensamento de Gaston Bachelard*. (trad. César Augusto Chaves Fernandes) Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- TERRIEN, V. *La Révolution de Gaston Bachelard en critique littéraire: ses fondements, ses techniques, sa portée*. Paris, Ed. Klincksieck, 1970.